

## “A CINDERELA PERDEU SEU SAPATINHO DE CRISTAL”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rafael Marques Garcia (1)

(1) Universidade Federal do Rio de Janeiro, [rafa.mgarcia@hotmail.com](mailto:rafa.mgarcia@hotmail.com)

**Resumo:** A escola é um espaço social que, assim como a política, a religião, a família e a comunidade, atua na regulação, normatização e policiamento das manifestações de gênero e sexualidades. Assim sendo, a Educação Física escolar enquanto componente curricular desta esfera legítima, também, corpos masculinos e femininos segundo uma ótica binária, heteronormativa e, sobretudo, regulada por mecanismos de poder. Objetiva-se aqui relatar a experiência do autor enquanto estagiário de Educação Física escolar tendo como questão a investigar como se dão as relações de gênero e sexualidades nas aulas de Educação Física escolar em uma escola municipal da Ilha do Governador/RJ? A metodologia utilizada foi de caráter descritivo e qualitativa. Os dados foram coletados através da observação participante durante as aulas de Educação Física em uma escola municipal da referida região, posteriormente transcritos em um diário de campo e analisados através da técnica de análise de conteúdo. Traz-se para discussão dois episódios, onde emergem manifestações desviantes dos padrões clássicos esperados para meninos e sua(s) masculinidade(s), o que desencadeia condutas de estranhamento, não pertencimento e não aceitação deste tipo de expressão em determinado grupo. Ainda, o desatento do olhar docente para tratar do assunto contribui para legitimar, naturalizar e favorecer a cristalização de preceitos heteronormativos já arraigados nos discursos controladores das sexualidades, permitindo assim o estabelecimento, manutenção e retroalimentação de hierarquias identitárias. A implementação de currículos e pedagogias *queer* emerge como uma alternativa necessária importante, não para instituir novas hierarquias, mas sim para desnaturalizar, descristalizar e desconstruir tais certificações que ratificam as condutas supracitadas.

**Palavras-chave:** Gênero, Estudos *Queer*, Relações de poder, Educação Física escolar, Relato de experiência.

### Introdução

A escola é um espaço social que, assim como a política, a religião, a família e a comunidade, atua na regulação, normatização e policiamento das manifestações de gênero e sexualidades (LOURO, 2010; FRANCO, 2016). Cientes desta diretriz pragmática, é possível analisar como esse espaço é concebido para instituir modelos de vida aceitáveis não apenas dentro de seu contexto, mas também dialogando para além de suas fronteiras (idem).

Gênero é ensinado na escola. Ainda que muito se discuta sobre uma tal “ideologia de gênero”, entendida pelo senso comum como pervertida, incitadora de maus costumes e imoralidades principalmente contra a fé cristã, o espaço escolar trata e retrata com a formação de corpos totalmente generificados e conduzidos por modelações conforme seu sexo biológico, sendo, portanto, instrumento classificador e hierarquizador de meninos e meninas (MARIANO; ALTMANN, 2016).

Primeiro, é importante elencar o processo de domaço que as crianças sofrem. No modelo tradicional, preponderantemente na atualidade escolar brasileira, elas passam a ter de

disciplinar o corpo, sentar-se em fileiras, copiar, memorizar, repetir e incansavelmente mostrar desempenho satisfatório aos olhos docentes. Esse processo de castração, ou ainda adestramento, revela-se diferente para meninos e meninas. O que se espera de cada um deles? Até que ponto determinadas ações destes pares permeiam a fronteira, ou ainda ameaçam transitar pelas territorialidades de gênero e sexualidades?

Tornou-se naturalizado termos no espaço escolar a formação, desde cedo, de masculinidades, pois dos alunos esperam-se práticas de atividades violentas, que incidem na formação de jovens em uma trajetória linear e exponencial até a identidade absoluta de macho/homem (REIS; PARAÍSO, 2014). Nestes trâmites, surgem níveis de masculinidade, ou categorias de machos, sendo melhor ranqueado aquele que mais exacerba aspectos masculinizantes, tais como força, brutalidade, rebeldia e desobediência às normas escolares (ALTMANN, 2015).

Por outro lado, temos também a construção da outra polaridade desta lógica binária, que diz respeito à feminilidade. Através da incorporação de elementos graciosos, delicados, dedicação aos estudos, silêncio e submissão, as meninas são direcionadas para outro tipo de curva que, também seguindo uma lógica crescente, visam educá-las para transformá-las em mulheres. Em suma, é possível identificar uma política pedagógica que incide na produção performativa de corpos sexuados (REIS; PARAÍSO 2014).

As pedagogias escolares aí presente revelam-se, portanto, heteronormatizadoras e excludentes (LOURO, 2010). Aquele ou aquela que não for conformado por essas atribuições será hostilizado, sofrerá bullying, tornando-se chacota para os demais e exemplo a não ser seguido, portanto, “um corpo que não condiz com os padrões culturais de gênero é um corpo homossexual e/ou anormal” (REIS; PARAÍSO, 2014, p. 237). Daí irrompe a lgbtfobia<sup>1</sup>, manifestação desencadeada para proteger o modelo heteronormativo através de condutas repressivas, ridicularizantes e opressoras de identidades alternativas.

Nas aulas de Educação Física, as sexualidades manifestam-se como protagonistas durante a execução das tarefas, sendo rapidamente identificadas e desencadeando respostas aos envolvidos através de inúmeras (in)exteriorizações. Tal afirmação deriva da premissa de que é neste componente curricular que o corpo se encontra mais exposto no processo de ensino aprendizagem (JACO; ALTMANN, 2017).

Para Goellner (2010), o uso do corpo promove nossa interação com o mundo através de um processo reconhecido por materialização discursiva. Corpo enquanto constructo social

---

<sup>1</sup> Optei pelo uso deste termo, pois abrange todas as “fobias” relacionadas às identidades e expressões de gênero, tais como homofobia, lesbofobia e transfobia

é perpassado por marcadores históricos e culturais que resultam em simbologias, normas e valores através de um processo inter-relacionado (idem).

Assim sendo, por reconhecer a escola como instância generificada e generificadora, a Educação Física escolar legítima, também, corpos masculinos e femininos segundo uma ótica binária, heteronormativa e, sobretudo, regulada por mecanismos de poder (JACO; ALTMANN, 2017). Através de um discurso reiterativo, existe todo um esforço para estabelecer uma pedagogia corporal, onde a não observância de tais atributos pelos sujeitos presentes disparam mecanismos discriminatórios com o intuito de invisibilizá-los e inferiorizá-los (PRADO; RIBEIRO, 2016).

É daí que emergem condutas lgbtfóbicas mais nitidamente, em razão da maior exposição corporal, seja no ato do exercício ou através de roupas adequadas para a prática física que possibilitam maiores amplitudes articulares e evidenciam maiores contornos corporais.

A partir de tais pressupostos, objetiva-se aqui relatar a experiência do autor enquanto estagiário de Educação Física escolar buscando responder à seguinte pergunta: como se dão as relações de gênero e sexualidades nas aulas de Educação Física escolar em uma escola municipal da Ilha do Governador/RJ?

## **Metodologia**

Para a realização deste relato de experiência, busquei suporte na abordagem qualitativa de tipo descritivo. O modelo qualitativo possibilita uma compreensão ampla acerca de fenômenos, permitindo sua interação dialógica com as diversas esferas sociais, possibilitando ainda as chances de continuidade e inúmeras possibilidades de análise (DEMO, 2012). Já o tipo descritivo busca transcrever processos (ou fenômenos) da maneira mais detalhada possível, incluindo peculiaridades e uma visão esmiuçada acerca dos eventos, contribuindo assim para um estudo satisfatório e com uma análise bem apurada acerca do ponto estudado em questão (TRIVIÑOS, 2015).

Estou neste estudo relatando minha experiência enquanto estagiário de Educação Física escolar no ano letivo de 2016 em uma escola municipal localizada na Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro. Os sujeitos da pesquisa foram alunos e alunas das turmas regulares de ensino devidamente matriculados (as) e frequentando as atividades escolares entre as séries 1º, 3º e 4º anos, bem como seus respectivos professores(as), no entanto, para este relato em especial, utilizarei apenas dois

episódios ocorridos na turma de 1º ano (composta de 13 meninos e 15 meninas, todos entre 6-7 anos, e orientados por 1 professor), uma vez que os outros achados já se encontram melhor detalhados em outro estudo. Todos os atores da pesquisa tiveram seu sigilo resguardado.

O processo de coleta de dados ocorreu durante as aulas práticas de Educação Física realizadas na quadra poliesportiva da escola. Para este processo, utilizei como instrumento a técnica de observação participante que, segundo Richardson (2008), é uma das principais e mais complexas técnicas utilizadas em pesquisa, principalmente pelo fato de, se mal realizada, influenciar os resultados da pesquisa. Observar de maneira participativa é estar presente, participando das atividades sem, no entanto, direcionar ações ou quaisquer condutas que possam vir a interferir nos achados (idem). Em função do objetivo, o olhar esteve mais ampliado a identificar questões de gênero e sexualidades que se manifestassem em aula, não descartando, todavia, as demais ocorrências.

Para registrar os dados, utilizei um diário de campo, sendo dividido pelos dias da semana e pelo número de aulas ministrados para cada turma. Para tratá-los, reporte-me à leitura de Bardin (2016) e optei pela técnica de análise de conteúdo. Essa proposta divide seus trabalhos em três ações, a saber: 1- pré-análise; 2- descrição analítica e; 3- interpretação referencial. Na pré-análise, organizam-se os dados teóricos colhidos conforme os objetivos, questão a investigar e literatura de suporte; na descrição analítica, o material é cuidadosamente desmembrado conforme o norte da pesquisa e categorizado em grupos codificados e; na descrição analítica, aprofundam-se as análises utilizando a literatura selecionada para tratar os resultados em prol do enriquecimento do estudo (BARDIN, 2016).

Sendo assim, a sessão seguinte, referente aos “Resultados e discussões” foi organizada em dois blocos, a saber: 1- Relatos do diário de campo e; 2- Elucidação das evidências.

## **Resultados e discussões**

### **1- Relatos do diário de campo**

#### **Episódio 1, de 15 de junho de 2016: Dançarino da Anitta**

Após a realização da chamada, os alunos passaram a realizar atividades livres pela quadra em pequenos grupos ou sozinhos. Um dos alunos, J.V., passou a dançar e coreografar uma de suas músicas preferidas da cantora Anitta, “Show das Poderosas”. Seu colega, G.P., passou a persegui-lo para dar-lhe socos e tapas. J.V. corria, e toda vez que tomava distância o suficiente rapidamente retornava para seu ritual de canto e encenação. G.P., de longe, respondia: *“Menininha, você é viadinho, para de fazer essas*

*coisas*". O professor parecia não ouvir, talvez em função da gritaria promovida pela turma, ou se ouviu, apenas ignorou a ocorrência. J.V. não se importou com a fala de seu colega, colocando as mãos na cintura e fazendo uma expressão facial de desdém a cada vez que recebia a desaprovação de G.P.

Após G.P. desistir de sua perseguição em função do cansaço, aproximei-me de J.V. para conversar um pouco mais sobre suas habilidades em dança.

Eu: *Você gosta de dançar?*

J.V.: *Sim tio, gosto muito, eu danço lá perto de casa.*

Eu: *Ah é? Nossa, que legal! E você gosta de qual cantora?*

J.V.: *Da Anitta. Quando crescer quero ser que nem ela!*

Eu: *Ah, muito legal, então continue dançando que você vai conseguir sim! Parabéns, você dança muito bem!*

Nesse momento, três alunas se aproximaram para dizer que também gostavam de cantar e dançar. J.V. voltou a cantar e dançar "Show das Poderosas", ocasião em que as meninas passaram a imitá-lo.

### **Episódio 2, de 20 de julho de 2016: A Cinderela perdeu seu sapatinho de cristal**

O professor organizou a turma em duas fileiras, uma de meninos e outra de meninas. Após essa divisão, ele ordenou que o primeiro aluno de cada fileira passasse por debaixo das pernas dos colegas, que formaram uma espécie de túnel. Um a um os alunos passaram a realizar a atividade, rindo, gritando e se divertindo com a proposta.

Os componentes de ambos os túneis adoravam dificultar a travessia dos colegas através da diminuição do espaço pelo fechamento das pernas. No grupo de meninos, quando J.V. encontrava-se como protagonista, um de seus pés ficou preso entre as pernas de dois colegas. J.V. começou a gritar e a forçar a soltura do pé, ocasião em que seu tênis acabou ficando pelo caminho no momento de se desvencilhar. Ao chegar ao final do túnel, levantou aos berros: "Ah, a Cinderela perdeu seu sapatinho de cristal! A Cinderela perdeu seu sapatinho de cristal", correndo através de saltos, com os cotovelos flexionados e os punhos frouxos em busca de seu calçado que, a essa altura, já havia sido jogado longe pelos colegas.

Seu colega F.G. olhou com um misto de dúvida e estranhamento para J.V., dizendo: "*A Cinderela é menina. Você não pode ser a Cinderela*". J.V., no entanto, apenas colocou os braços na cintura, encarou o amigo e fez sua tão rotineira expressão de desdém. F.G. cochichou com seus colegas, mas rapidamente o foco do grupo

retornou à atividade e à tentativa de prender os colegas que sob eles passavam.

## 2- Elucidação das evidências

Historicamente, as aulas de Educação Física escolar encontram-se ancoradas na reprodução de um modelo hegemônico, sexista, generificado e excludente (SOUSA, ALTMANN, 1999; ALTMANN, 2002; ALTMANN, 2015; FRANCO, 2016; PRADO, RIBEIRO, 2016; BRITO, LEITE, 2017). Gênero, presente nesta esfera enquanto mantenedor social de diferenças, atua como um importante dispositivo não apenas regulador das sexualidades, mas também do direcionamento das práticas pedagógicas escolares (PEREIRA; FERNANDES FILHO, 2009).

Nas duas cenas que trago para análise, temos como protagonista o aluno J.V., um aluno menino que, embora cercado de discursos coercitivos dos colegas, principalmente garotos, revela não se importar com perseguições ou ainda com os termos pejorativos que lhe recaem. O garoto transparece uma identidade alternativa à esperada, não correspondendo com o contexto da turma, o que desencadeia condutas aqui elencadas como homofóbicas para tentar redirecioná-lo aos enquadramentos normatizadores. A homofobia é um importante mecanismo que atua para manter e sustentar o discurso heterocompulsório de identidades sociais e sexuais, policiando as corporalidades e sobretudo as expressões de gênero (LOURO, 1998).

Dançar revela-se como instrumento de desqualificação, ou ainda inferiorização da identidade masculina, uma vez que a ela conferem-se elementos feminizantes, destacando um tratamento diferenciado que consubstancia com a legitimação e naturalização de hierarquias entre os gêneros (BOURDIEU, 2010).

J.V., no entanto, demonstra-se demasiadamente seguro para experienciar sua corporalidade sem importar-se com a resposta dos demais. Percebe-se, todavia, um processo de exclusão primária deste aluno, uma vez que, constantemente policiado pelos demais, o garoto torna-se indigno de pertencimento aos grupos daquela turma por exteriorizar aspectos que o desqualificam nesse jogo de reconhecimentos (PRADO; RIBEIRO, 2016).

Ao perder o sapato, revela-se como Cinderela, uma princesa clássica da Disney e muito conhecida no universo infantil. Sua transição entre as fronteiras revela uma performativização de gênero que é bem delineada: apropriar-se de uma identidade feminina requer, portanto, a transpiração de determinados elementos que atuam como marcadores, sobretudo como qualificadores. Correr de uma maneira diferente

estaria, para ele, convergindo com o que se esperava de uma princesa correndo, muito próximo à cena do filme em que a referida princesa foge do príncipe de volta ao lar após o tempo do feitiço que a embelezava expirar.

É importante notar a introjeção e externalização de elementos qualificadores de identidades masculinas e femininas. Categorizo-as como performatizadoras através da leitura de Butler (2015). Para a autora, gênero é um constructo de ordem social sobre corpos que se (re)formula sob uma ótica sociocultural através da incidência de uma matriz heterocompulsória. Esta ordenação confere, através da repetição de atos, gestos, valores e comportamentos, discursos reguladores de poder e refertos de significados, que são incorporados e (re)interpretados a todo instante, caracterizando o processo de performatividade (idem).

Ainda é possível vislumbrar uma instabilidade na definição de identidade de J.V. Por transitar entre as fronteiras e transgredi-las, o menino configura um status de dissidência entre sexo e gênero, desafiando, confundindo e despertando em seus colegas estranhamentos e dúvidas acerca de sua identificação. Isso abre margem para uma ressignificação de conceitos através do questionamento das verdades absolutas, configurando um movimento *queer* (MISKOLCI, 2012), que almeja problematizar as normas heterocentradas e questionar identificações de gênero binárias, possibilitando, assim, a emersão de discussões fluidas sobre identidades e performatividades de gênero, sem, no entanto, estabelecer novas categorias de identificação (BRITO; LEITE, 2017).

O termo *queer* se apresenta, portanto, como instrumento de demolição de categorizações identitárias com o intuito de legitimar as mais diversas formas de *outsiders* de sexo e de gênero (FRANCO, 2016). O conceito de *outsider* apresentado provém de Elias e Scotson (2000), que sugere uma relação dual entre sujeito(s) dominante(s) e dominado(s) através de relações de poder contextualizadas, onde o grupo hegemônico, tido como “estabelecido”, (re)afirma sua posição em constante oposição aos “*outsiders*”, representados como inferiores e, portanto, dominados. Nesta perspectiva, a heterossexualidade seria enquadrada como estabelecida, e as demais expressões sexuais a ela dissidentes, logo subalternizadas, comporiam os grupos *queer*, dito *outsiders*.

Para além de tais observações, convém trazer às discussões a postura do professor enquanto educador, ponto de referência dos alunos e responsável pelo tratamento das condutas do corpo discente. Nesta conjuntura, ele revela não se atentar para as ocorrências e insultos direcionados a J.V. Não intervir, sendo, portanto, omissos

e conivente com tal prática, legitima os saberes *heterorregulatórios* e respalda este tipo de ação, que acaba por naturalizar e cristalizar um discurso generificador, normatizado, excludente e hierarquizado em múltiplas facetas (SOUSA, ALTMANN, 1999; ALTMANN, 2015; FRANCO, 2016; PRADO, RIBEIRO, 2016; BRITO, LEITE, 2017; JACO, ALTMANN, 2017), dentre as quais cito as relacionadas às identidades e expressões de gênero.

Assim, J.V. precisa, sozinho e em estado de precariedade perante aos demais, resistir isoladamente aos preceitos heteronormativos que são aplicados sobre si e seus colegas. Perde-se, com isso, uma grande oportunidade de problematizar, desconstruir e desnaturalizar práticas generificadas, segregadoras e excludentes na Educação Física escolar.

Pensar um currículo ou pedagogia com foco destinado ao reconhecimento e produção das diferenças, entendendo processos instáveis e de precariedade de gênero e sexualidades torna-se uma necessidade emergente, não apenas para delatar exclusões e constantes violências de ordem simbólica e física ao qual sujeitos *queer* ou heterodissidentes enfrentam, mas também para desnaturalizar, descristalizar e desconstruir maquinismos que certificam tais validades binárias de gênero e sexualidades (LOURO, 2013).

### **Considerações finais**

Este relato de experiência buscou analisar as relações de gênero e sexualidades em dois episódios de aulas na Educação Física escolar infantil, trazendo à tona manifestações desviantes dos padrões clássicos esperados para meninos e sua(s) masculinidade(s). A manifestação dessas corporalidades alternativas no espaço escolar desencadeou condutas de estranhamento, não pertencimento e não aceitação deste tipo de expressão em determinado grupo.

Para além disso, a (não) atitude do docente responsável corroborou para legitimar, naturalizar e favorecer a cristalização de preceitos heteronormativos já arraigados nos discursos controladores das sexualidades, permitindo assim o estabelecimento e manutenção de hierarquias identitárias entre os próprios alunos. Não se atentar para tais manifestações, além de grave, vai na contramão da profissão docente, principalmente no que tange ao educar<sup>2</sup> pensamentos e opiniões em uma sociedade crítica, democrática e inclusiva.

---

<sup>2</sup> Esclareço aqui a diferença entre os termos “educar” e “doutrinar”. A primeira refere-se à transmissão de crenças e valores, desenvolvendo conjuntamente as capacidades de análise de valor(es) e avaliações críticas, já a segunda é tomada como termo pejorativo que almeja impor crenças e valores sem estimular e/ou propiciar o exercício crítico do ouvinte (HILL, 1981).



Por fim, convém ressaltar um consenso na existência de lacunas na formação de professores de Educação Física, dentre elas a ausência de discussões sobre gênero e sexualidades, o que contribui para uma formação menos crítica e naturalizadora de conceitos pré-estabelecidos que são (re)produzidos pela prática docente (SOUSA, ALTMANN, 1999; ALTMANN, 2002; ALTMANN, 2015; FRANCO, 2016; MARIANO, ALTMANN, 2016; PRADO, RIBEIRO, 2016), sendo necessário, portanto, a implementação de currículos e pedagogias *queer*, não para instituir novas hierarquias, mas sim para desnaturalizar, descristalizar e desconstruir tais certificações que ratificam as condutas supracitadas.

### Referências

- ALTMANN, Helena. Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 9-20, 2002.
- ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo, Cortez, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo: edição revista e ampliada**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 160 p.
- BRITO, Leandro Teófilo; LEITE, Miriam Soares. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, maio/ago. 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, editora Civilização Brasileira. Col. Sujeito & História, 8ª ed. 2015. 288 p.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FRANCO, Neil. A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 47-66, maio 2016.
- GOELLNER, Silvana Villodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**. Campinas, p. 71-83, mar., 2010.
- HILL, Brian V. 'Education for Commitment' – A Logical Contradiction. *The Journal of Educational Thought (JET)/Revue de la Pensée Educative*, v. 15, n. 3, p. 159-170, december 1981.
- JACO, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 1-26, jun. 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. **Segredos e Mentiras do Currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares**. In: SILVA, Luiz. A Escola Cidadã no Contexto da Educação Globalizada. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33-47.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (orgs). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-35.

- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas? **Cad. Pagu**, Campinas, n. 46, abril, 2016. p. 411-438.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2ª ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.
- PEREIRA, Erik Giuseppe B.; FERNANDES FILHO, José. A construção das masculinidades: os discursos e as imagens na educação física infantil. **InterSciencePlace**, v. 1, n. 8, jul./ago., 2009.
- PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Escola, homossexualidades e homofobia: rememorando experiências na Educação Física escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 97-114, Jan./Abr. 2016
- REIS, Cristina d'Ávila; PARAISO, Marlucy Alves. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 237-256, janeiro-abril/2014.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, agosto 1999.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. O positivismo; a fenomenologia; o marxismo**. Atlas, 2015.